

Impacto da Inteligência Artificial no Processo Avaliativo: Um Estudo Sobre as Percepções de Professores de um Centro de Línguas

The Impact of Artificial Intelligence on the Assessment Process: A Study on Language Center Teachers' Perceptions

Impacto de la Inteligencia Artificial en el Proceso de Evaluación: Un Estudio sobre las Percepciones de Profesores de un Centro de Lenguas

RESUMO

Este artigo investiga as percepções de professores de línguas estrangeiras do Centro de Línguas (CL) da Universidade Federal de Goiás (UFG) sobre o impacto da inteligência artificial (IA) nos processos avaliativos. A pesquisa tem como ponto de partida a experiência da primeira autora como graduanda de Letras Inglês e professora estagiária, sob a supervisão da coautora, no âmbito do CL, em que surgiram dúvidas acerca da autenticidade de textos entregues por alunos em atividades diagnósticas. Com abordagem qualitativa e delineamento de estudo de caso, o trabalho articula as contribuições de Zabala (2010), Luckesi (2011) e Fidalgo (2006) com pesquisas recentes sobre IA. Os dados foram coletados por meio de questionário e entrevistas com docentes do CL. Os resultados indicam que, embora reconheçam o potencial da IA para apoiar avaliações e otimizar o tempo, os professores ressaltam a necessidade de curadoria crítica e responsabilidade ética em seu uso.

Palavras-chave: avaliação; inteligência artificial; ensino de línguas; docência; tecnologias educacionais.



Armaní Divina Araújo Siqueira

armanidivina@ufg.br

orcid.org/0009-0008-9395-412X

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil

Eliane Carolina de Oliveira

ecaol2@ufg.br

orcid.org/0000-0002-9809-1474

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil

ABSTRACT

This article explores the perceptions of foreign language teachers at the Language Center (LC) of the Federal University of Goiás (FUG) regarding the impact of artificial intelligence (AI) on assessment practices. The study takes as its starting point the first author's experience as an undergraduate student majoring in English and as an intern teacher at LC, under the supervision of the co-author, where concerns about the authenticity of texts submitted by students in diagnostic activities arose. Adopting a qualitative case study design, the research draws on the contributions of Zabala (2010), Luckesi (2011), and Fidalgo (2006) with recent research on AI. Data were collected through questionnaires and interviews with CL teachers. The findings indicate that, although teachers acknowledge AI's potential to support assessment design and optimize time, they emphasize the importance and the need of critical curation and ethical responsibility in its use.

Keywords: assessment; artificial intelligence; language teaching; teaching practice; educational technologies.

RESUMEN

Este artículo investiga las percepciones de profesores de lenguas extranjeras del Centro de Lenguas (CL) de la Universidad Federal de Goiás (UFG) sobre el impacto de la inteligencia artificial (IA) en los procesos evaluativos. Partiendo de la experiencia de la primera autora como estudiante de Letras Inglés y profesora becaria, bajo la supervisión de la coautora, en el CL, en el que surgieron dudas acerca de la autenticidad de los textos entregados por estudiantes en actividades diagnósticas. Con un enfoque cualitativo y un diseño de estudio de caso, el trabajo articula las contribuciones de Zabala (2010), Luckesi (2011) y Fidalgo (2006) con investigaciones recientes sobre IA. Los datos se recopilaron mediante cuestionarios y entrevistas con docentes del CL. Los resultados indican que, aunque los profesores reconocen el potencial de la IA para apoyar evaluaciones y optimizar el tiempo, subrayan la necesidad de una curaduría y responsabilidad ética en su uso.

Palabras clave: evaluación; inteligencia artificial; enseñanza de lenguas; docencia; tecnologías educativas.

Como citar:

SIQUEIRA, Armaní Divina Araújo; OLIVEIRA, Eliane Carolina de. Impacto da Inteligência Artificial no Processo Avaliativo: Um Estudo Sobre as Percepções de Professores de um Centro de Línguas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 245-264, jul./dez. 2025. DOI: 10.26512/les.v26i2.59883 Disponível em: . Acesso em: XXX.

Correspondência:

Nome por extenso do autor principal
Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Creative Commons Attribution 4.0 International license
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



INTRODUÇÃO

Em 2023, no âmbito do Órgão Complementar Centro de Línguas da Universidade Federal de Goiás (UFG), a primeira autora, então graduanda em Letras Inglês e professora estagiária, sob a supervisão da coautora, enfrentou desafios relacionados à elaboração de atividades avaliativas. Inicialmente, foram propostas atividades diagnósticas para serem realizadas em casa, com o objetivo de entender o nível de proficiência dos estudantes. Tais atividades não teriam caráter punitivo já que a nota atribuída estaria vinculada apenas à entrega, sem penalizações por eventuais erros. Contudo, observou-se que, embora se tratasse de turmas em níveis iniciantes, muitos dos textos entregues continham estruturas gramaticais e vocabulário significativamente avançados e discrepantes em relação ao desempenho dos mesmos estudantes em avaliações somativas presenciais.

Essa discrepância levantou questionamentos relevantes, a saber: o desempenho superior seria decorrente do tempo adicional para pesquisa e reelaboração? Ou estaria associado ao uso de ferramentas digitais, mais especificamente de inteligência artificial (IA), como suporte para a produção dos textos? A partir dessas reflexões, o formato das avaliações diagnósticas, foi ajustado para o ambiente da sala de aula, buscando minimizar a interferência de recursos externos de correção ou produção textual. Paralelamente, a experiência também suscitou discussões acerca de como lidar de maneira eficiente com o uso da IA, não apenas discutindo seu uso em sala, visando reduzir interferências em atividades avaliativas, mas também de explorar possibilidades de sua incorporação como recurso pedagógico aliado. Esse processo evidenciou não apenas os desafios pedagógicos decorrentes do uso da IA em contextos avaliativos, mas também a necessidade de compreender como docentes percebem tais impactos e de que maneira podem incorporar a IA de forma crítica e ética em suas práticas.

A partir dessa problematização inicial, é pertinente destacar que, na área educacional de forma geral, bem como no campo de ensino de línguas estrangeiras, a avaliação desempenha um papel fundamental no acompanhamento do progresso dos alunos e na identificação de áreas que necessitam de melhorias. O uso de ferramentas IA nas práticas pedagógicas, especialmente no processo avaliativo, tem gerado tanto entusiasmo quanto apreensão entre educadores e especialistas como Luckin, Holmes e Griffiths (2016), Amin (2023), Meniado et al. (2024), Smerdon (2024) e Lee et al. (2024). Por um lado, elas oferecem possibilidades de transformar metodologias e ampliar a personalização no aprendizado; por outro, levantam questões éticas e pedagógicas importantes, incluindo o impacto na autoria e na originalidade dos trabalhos dos estudantes.

A introdução dessas ferramentas levanta questões sobre como essas tecnologias estão moldando as práticas avaliativas e a interação entre professores e alunos. Especialistas demonstram receio em relação ao uso de IA como substituta do processo de escrita humana.

Chomsky, Roberts e Watumull (2023), por exemplo, afirmam que ferramentas como o ChatGPT operam de maneira superficial e duvidosa, não podendo compreender as nuances da linguagem:

Por mais úteis que esses programas possam ser em alguns domínios específicos, sabemos que, segundo a ciência linguística e a filosofia do conhecimento, eles diferem profundamente da forma como os humanos raciocinam e utilizam a linguagem. Essas diferenças impõem limitações significativas ao que esses programas podem realizar, incorporando-lhes defeitos inerentes e irremediáveis (Chomsky, Roberts, Watumull, 2023, s.p. tradução nossa).¹

Ademais, a preocupação com o uso de ferramentas de IA por discentes é exemplificada pelo relato de Livingstone (2024), que possui doutorado em literatura hispânica, é editora-gerente da MLN – um periódico acadêmico na área de estudos literários – e já deu aula em diversas universidades, como New Jersey Institute of Technology, Moravian University e Whitman College. Em matéria para o site da revista TIME, Livingstone declara ter decidido abandonar a docência devido ao uso disseminado do ChatGPT por seus alunos. A educadora relata que lecionava escrita acadêmica para estudantes de doutorado em uma faculdade técnica e descreve como os seus alunos dependiam fortemente das ferramentas de IA para escrever os seus textos e, conforme afirma:

Meus alunos não possuíam as habilidades para identificar e corrigir as mudanças sutis em significado. Eu não pude convencê-los da importância da consistência estilística ou da necessidade de desenvolver vozes próprias como escritores de pesquisa (Livingstone, 2024, s.p. tradução nossa).²

Diante dessas considerações, a presente pesquisa se propõe a compreender como um grupo de professores atuantes no CL/UFG lida com ferramentas de IA, especificamente no campo da avaliação. Embora a IA ofereça recursos úteis, a avaliação continua sendo um processo essencialmente humano, no qual o julgamento crítico e a experiência docente são insubstituíveis. A investigação do impacto de ferramentas de IA no processo avaliativo em línguas estrangeiras é relevante, pois pode oferecer subsídios teóricos para fomentar discussões sobre o uso ético da IA na educação, ampliando suas possibilidades de uso sem comprometer a integridade e os objetivos centrais da prática docente.

O presente artigo tem como objetivo, portanto, investigar as percepções de professores do CL acerca do impacto da IA nos processos avaliativos, com reflexões teóricas e dados empíricos coletados junto a docentes do CL. Busca-se ainda investigar como aqueles que atuam diretamente no ensino percebem, lidam e utilizam essas ferramentas, considerando que a experiência compartilhada pelos docentes oferece suporte fundamental para evitar que decisões como a de

¹ “However useful these programs may be in some narrow domains, we know from the science of linguistics and the philosophy of knowledge that they differ profoundly from how humans reason and use language. These differences place significant limitations on what these programs can do, encoding them with ineradicable defects.”

² “My students lacked the skills to identify and correct subtle shifts in meaning. I could not convince them of the need for stylistic consistency or the need to develop voices as research writers.”

Livingstone (2024), de abandonar a docência, se tornem comuns. Dessa forma, delinearam-se os objetivos específicos do estudo de: i) identificar os principais benefícios e desafios relatados pelos professores de línguas estrangeiras em relação ao uso de IA nas atividades avaliativas e ii) investigar as percepções e ações dos docentes participantes frente à crescente presença de ferramentas de IA nas atividades avaliativas produzidas pelos aprendizes.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As tecnologias digitais têm ganhado cada vez mais espaço na educação. Recentemente, a IA tem se destacado pelo impacto significativo nas práticas pedagógicas, especialmente no campo das avaliações. Muitos estudos ressaltam os benefícios dessa tecnologia, apontando-a como uma ferramenta positiva tanto para professores quanto para alunos, como apontado por Luckin, Holmes e Griffiths (2016), Amin (2023) e Meniado et al. (2024). Nesse sentido, ferramentas digitais estão sendo utilizadas para personalizar o ensino, fornecer feedback em tempo real e agilizar os processos avaliativos. Por outro lado, especialistas no campo da educação apontam desafios relacionados ao uso de IA como Smerdon (2024) e Lee et al. (2024). Entre os principais, destacam-se questões éticas e pedagógicas, como a dificuldade em diferenciar materiais autênticos dos gerados por essas ferramentas, levantando, assim, debates sobre o impacto dessa tecnologia na integridade acadêmica e autonomia dos alunos. Adicionalmente, para compreender o impacto de ferramentas de AI no processo avaliativo, é necessário considerar também as concepções pedagógicas de avaliação. Autores como Fidalgo (2006), Luckesi (2011) e Zabala (2010) entendem a avaliação como parte do ato pedagógico, voltada ao acompanhamento e à promoção da aprendizagem.

A avaliação é uma dimensão essencial no processo educacional, por estar diretamente relacionada à compreensão do desenvolvimento dos alunos e à tomada de decisões pedagógicas. Nesta seção busco contextualizar e discutir o uso de IA no processo avaliativo, principalmente voltado para línguas estrangeiras, considerando seus pontos positivos e negativos. Início com Zabala (2010, p. 195) para quem

[b]asicamente, a avaliação é considerada como um instrumento sancionador e qualificador, em que o sujeito da avaliação é o aluno e somente o aluno, e o objeto da avaliação são as aprendizagens realizadas segundo certos objetivos mínimos para todos.

Tal observação revela uma tradição escolar centrada mais na classificação do que na aprendizagem. Contra essa concepção, Zabala (2010) defende uma abordagem que prioriza o crescimento global do aluno, denominada de avaliação formativa. Essa forma de entender a avaliação se organiza em diferentes fases ao longo do processo de ensino e aprendizagem, a saber: inicial, reguladora e somativa. A *avaliação inicial* tem como função considerar os conhecimentos

prévios dos estudantes. Como destaca Zabala (2010, p. 199), “o conhecimento do que cada aluno sabe, sabe fazer e como é, é o ponto de partida que deve nos permitir [...] estabelecer o tipo de atividades e tarefas que têm que favorecer a aprendizagem.” O autor aborda ainda a avaliação reguladora que consiste em “[o] conhecimento de como cada aluno aprende ao longo do processo de ensino/aprendizagem, para se adaptar às novas necessidades que se colocam.” (Zabala, 2010, p. 200), funcionando, assim, como um norte para o acompanhamento e adaptação das estratégias pedagógicas. Por fim, Zabala destaca a avaliação somativa ou integradora, que:

manifesta a trajetória seguida pelo aluno, as medidas específicas que foram tomadas, o resultado final de todo o processo e, especialmente a partir desse conhecimento, as previsões sobre o que é necessário continuar fazendo (Zabala, 2010, p. 201).

Nesse sentido, a avaliação somativa ou integradora corresponde ao que tradicionalmente chamamos de avaliação final, mas que, em Zabala (2010), ela é vista de forma mais ampla. Não é apenas uma prova ou exame conclusivo, mas sim um momento de integração das aprendizagens para verificar em que medida os objetivos foram atingidos e como o aluno evoluiu em seu processo formativo. Essa concepção apresentada pelo autor reconhece a avaliação como parte integrante e contínua do processo de ensino e aprendizagem. Com o deslocamento do foco da simples verificação de resultados para a compreensão de todo o desenvolvimento do aluno, torna-se evidente que a avaliação cumpre uma função pedagógica mais profunda na orientação da prática docente.

Considerando, assim, essa definição mais ampla da avaliação, é possível observar como as tecnologias baseadas em IA têm buscado atender a algumas demandas educativas. Um dos principais benefícios apontados sobre o uso de ferramentas de IA em práticas pedagógicas é a sua capacidade de personalizar o aprendizado. Segundo Luckin, Holmes e Griffiths (2016, p. 11, tradução nossa),

“[a] Educação com Inteligência Artificial (AIEd) oferece a possibilidade de uma aprendizagem mais personalizada, flexível, inclusiva e envolvente.”³ Por facilitar a personalização de aulas e conteúdos, essas ferramentas, nessa perspectiva, auxiliam o professor a atender mais eficientemente às necessidades dos aprendizes. Essa capacidade de personalização também é observada no campo da avaliação de línguas estrangeiras. Amin (2023) aponta o impacto de ferramentas de IA no que ele chama de teste adaptativo (adaptive testing), método de avaliação que ajusta a dificuldade das perguntas de acordo com o desempenho do participante. Segundo o autor, “[o]s algoritmos de IA auxiliam essa técnica, possibilitando criar uma experiência de avaliação dinâmica e individualizada” (Amin, 2023, p. 2, tradução nossa).⁴

³ “AIEd offers the possibility of learning that is more personalised, flexible, inclusive, and engaging.”

⁴ “AI algorithms underpin this technique, making it possible to create a dynamic and individualized assessment experience.”

Dessa forma, seria possível uma mudança em relação às avaliações diagnósticas e de nivelamento que frequentemente utilizam o mesmo conjunto de perguntas para todos os estudantes, independentemente das possíveis diferenças de nível e proficiência na língua alvo.

Essas possibilidades de utilização das ferramentas de IA dialogam com o que defende Luckesi (2011), para quem a avaliação deve servir como instrumento de diagnóstico e intervenção pedagógica, e não como um simples mecanismo de seleção ou exclusão. Para o autor, “[a]valiar é diagnosticar, e diagnosticar, no caso da avaliação, é o processo de qualificar a realidade por meio de sua descrição, com base em seus dados relevantes, [...] com um critério, assumido como qualidade desejada” (Luckesi, 2011, p. 277, ênfase no original). A partir dessa análise diagnóstica, o professor pode intervir pedagogicamente, ajustando estratégias para promover a aprendizagem. Ao possibilitar o acompanhamento personalizado do desempenho dos alunos, as ferramentas de IA podem atuar como aliadas, ao oferecer dados que orientam o trabalho docente. No entanto, Luckesi (2011) adverte que avaliar não é apenas aplicar instrumentos, corrigir e atribuir notas; é, principalmente, interpretar e decidir pedagogicamente. Nesse sentido, ainda que os algoritmos forneçam informações detalhadas sobre erros e acertos, o professor é quem deve assumir a responsabilidade de decidir como essas informações serão utilizadas em favor do desenvolvimento do estudante.

Outro benefício apontado nessa questão é como as ferramentas de IA podem auxiliar a agilizar os processos avaliativos para professores e aprendizes. Amin (2023, p. 3, tradução nossa) destaca que algoritmos podem ser utilizados por professores para fornecer feedback em tempo real para seus alunos: “sistemas baseados em IA podem avaliar e corrigir rapidamente as respostas dos alunos, fornecendo feedback imediato, o que é altamente benéfico tanto para os professores quanto para os estudantes.”⁵ Assim, professores podem economizar tempo e focar em aspectos mais complexos do processo avaliativo, como, por exemplo, a análise crítica do conteúdo.

Para os aprendizes, a automação proporcionada pelas ferramentas de IA também se mostra vantajosa, por permitir a correção imediata e contínua de erros estruturais. Ademais, ferramentas como o ChatGPT têm se mostrado eficazes no auxílio de alunos em tarefas de escrita, como no suporte na geração de ideias, na explicação de conceitos ou na construção e justaposição de argumentos sobre um tema específico. Uma pesquisa conduzida por Meniado et al. (2024), com alunos da Tailândia e do Vietnã sobre o uso do ChatGPT na produção escrita em segunda língua, revelou que os participantes utilizaram essa ferramenta digital em todas as etapas do processo de escrita: “geração de ideias, organização de ideias, elaboração de rascunhos, revisão, etc”⁶ (Meniado et al., 2024, p. 7, tradução nossa). Além disso, os participantes, de forma geral,

⁵ “AI-powered systems can rapidly evaluate and grade student responses, providing immediate feedback, which is highly beneficial for both educators and students.”

⁶ “generating ideas, organizing ideas, drafting, revising, etc.”

demonstraram uma percepção positiva sobre o uso do ChatGPT na produção escrita em segunda língua.

Além disso, como é ressaltado por Fidalgo (2006), a avaliação deve ser construída em diálogo com os alunos, com o intuito de valorizar os seus percursos individuais e suas vozes no processo avaliativo. Segundo a autora, “também em avaliação, é preciso que se conceda independência às diferentes vozes e que se negociem os significados dos valores, bem como o próprio uso da língua” (Fidalgo, 2006, p. 27). Portanto, a avaliação, para ser significativa, precisa considerar o contexto de vida dos alunos, suas trajetórias formativas e o modo como interagem com o conhecimento. Fidalgo (2006, p. 25) acrescenta que “[a] avaliação pode também atuar na criação desse espaço, no qual a mediação será essencial para resolver os conflitos surgidos.” Sendo assim, as ferramentas de IA podem desempenhar um papel importante no processo avaliativo, oferecendo dados, sugestões e feedback personalizados, contudo a mediação humana continua sendo indispensável, pois por mais avançados que os algoritmos sejam, eles não substituem o olhar do professor.

Apesar dos benefícios apontados, o uso de ferramentas de IA, principalmente considerando avaliações, apresenta desafios significativos. As principais preocupações envolvem questões sobre plágio e integridade acadêmica sendo frequentemente mencionada a possibilidade de uso indevido da tecnologia por parte dos estudantes: “educadores expressaram preocupações de que os alunos estejam utilizando essa tecnologia para realizar tarefas que anteriormente se presumia serem concluídas sem a assistência da IA”⁷ (Lee et al., 2024, p. 1, tradução nossa). Tal preocupação é justificada devido à dificuldade de se detectar e comprovar o uso de ferramentas de IA em trabalhos escolares e acadêmicos. A título de exemplo, em uma pesquisa conduzida por Smerdon (2024), na qual, alunos foram incentivados a utilizar o ChatGPT em seus processos de escrita, observou-se que 85% dos trabalhos entregues por participantes que recorreram à ferramenta apresentaram 0% de detecção como texto gerado por IA. Além disso, é importante destacar que a personalização proporcionada pela IA, embora vantajosa em muitos aspectos, não substitui a necessidade de os alunos desenvolverem habilidades interpessoais e a capacidade de lidar com problemas que exigem criatividade e pensamento crítico. Conforme discutido por Amin,

Os educadores devem continuar a criar avaliações significativas, interpretar dados gerados por IA e usar sua expertise para personalizar o ensino. À medida que a IA continua a moldar o cenário educacional, é crucial manter um equilíbrio entre os benefícios da tecnologia e o papel essencial dos professores na orientação e no cultivo do processo de aprendizado (Amin, 2023, p. 4, tradução nossa).⁸

⁷ “educators expressed concerns that students would be using this technology to complete assignments that would previously have been assumed to be completed without AI assistance.”

⁸ “Educators must continue to design meaningful assessments, interpret AI-generated data, and use their expertise to personalize instruction. As AI continues to shape the education landscape, it is crucial to maintain a balance between the benefits of technology and the essential role of teachers in guiding and nurturing the learning process.”

Por fim, é possível concluir que a inteligência artificial já exerce uma influência direta na educação e no processo avaliativo de línguas estrangeiras. Sua utilização tem se expandido entre professores e alunos, trazendo benefícios e desafios. Entre os aspectos positivos, destaca-se a capacidade de personalizar o aprendizado e os processos avaliativos, além de otimizar o tempo dedicado à correção e produção de textos. No entanto, é importante considerar as implicações éticas e pedagógicas do uso dessas ferramentas, garantindo que elas não comprometam o desenvolvimento de habilidades essenciais, como autonomia, criatividade e pensamento crítico. O futuro da avaliação com IA dependerá de sua integração equilibrada ao ambiente educacional, ampliando as oportunidades de aprendizado sem comprometer a autenticidade e a profundidade das experiências educacionais.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, pois busca compreender, de forma contextualizada e aprofundada, as percepções, experiências e interpretações construídas por professores de línguas estrangeiras sobre o impacto das ferramentas de IA no processo avaliativo. Como apontam Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa preocupa-se com a descrição detalhada e a análise dos fenômenos, com foco em compreender, ao longo do processo de pesquisa, os significados que os sujeitos atribuem às suas ações, sem buscar comprovar uma hipótese prévia. Adicionalmente, segundo os autores, “[o]s investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 51). Partindo dessa perspectiva, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, por procurar não apenas identificar opiniões, mas compreender como os professores de línguas estrangeiras vivenciam, interpretam e reagem à presença de ferramentas de IA no campo de avaliação. Por essa razão, o foco da investigação está na construção subjetiva dos sentidos e nas perspectivas, tanto positivas quanto negativas, sobre essas ferramentas. Como é destacado por Bogdan e Biklen (1994, p. 50), “os investigadores qualitativos preocupam-se com aquilo que se designa por perspectivas participantes”, o que implica uma postura que valoriza o contexto e as relações estabelecidas no campo de pesquisa.

Além disso, a investigação utiliza o estudo de caso como estratégia metodológica, pois essa abordagem permite a análise aprofundada de um fenômeno específico em seu contexto natural, considerando múltiplas dimensões e perspectivas dos participantes (André, 2013). Como mencionado na parte introdutória, o foco central da pesquisa é investigar as impressões de professores de línguas estrangeiras sobre o impacto da inteligência artificial (IA) nos processos avaliativos, explorando os benefícios e desafios bem como as expectativas para o futuro dessa integração tecnológica. Tal estratégia é particularmente relevante para este estudo, uma vez que

permite compreender as experiências, percepções e práticas de um grupo específico de professores de línguas estrangeiras em relação ao tema.

3.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi conduzida com professores voluntários de inglês atuantes no Centro de Línguas da Universidade Federal de Goiás (UFG). O Centro de Línguas (CL) da UFG é um órgão complementar⁹ da Faculdade de Letras da UFG e em seu corpo docente há professores em diferentes fases de formação (graduandos, com graduação e pós-graduação) tendo assim, professores com muita experiência na área de atuação e professores que estão iniciando a sua formação acadêmica e profissional. Nele são oferecidos cursos de alemão, espanhol, francês, inglês e italiano para a comunidade acadêmica e para a comunidade externa. Esse contexto foi escolhido devido à sua relevância como espaço de formação e atuação docente no ensino de línguas estrangeiras, bem como por ser o local no qual atuo como docente há dois anos. É importante mencionar que o CL oferece aulas nas modalidades presencial e online permitindo, portanto, observar diferentes práticas avaliativas.

3.2 Instrumentos de coleta e geração de dados

A coleta de dados, que ocorreu desde o início de Junho até a metade de Setembro de 2025, foi realizada por meio de questionário semiestruturado e entrevistas semiestruturadas. O questionário foi elaborado a partir dos objetivos e das perguntas da pesquisa e disponibilizado aos professores via Formulário Google que incluía o termo de consentimento. Ele permitiu obter informações sobre o perfil, as percepções, os conhecimentos e as experiências dos participantes por meio de perguntas fechadas e abertas, possibilitando a exploração detalhada de opiniões sobre o uso de IA nos processos avaliativos (Rees; Mello, 2011; Moreira; Caleffe, 2008).

Posteriormente, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas individuais com quatro professores selecionados a partir das respostas do questionário. Duas entrevistas ocorreram presencialmente e duas online, via aplicativo Google Meet, conforme a disponibilidade dos participantes, tendo sido gravadas com a devida autorização e transcritas com apoio de ferramentas digitais. As entrevistas possibilitaram aprofundar aspectos não totalmente abordados no questionário, mantendo flexibilidade temática e espaço para respostas mais amplas (Moreira; Caleffe, 2008).

⁹ Em 26 de setembro de 2025, o Conselho Universitário (Consuni) da Universidade Federal de Goiás aprovou a resolução que torna o Centro de Línguas (CL) órgão complementar da UFG, vinculado à Faculdade de Letras. Um órgão complementar é qualquer estrutura vinculada à Universidade que não seja uma unidade acadêmica ou administrativa principal. Estes órgãos visam o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa, extensão e serviços, com diferentes enfoques e públicos.

Durante todas as etapas, foram produzidas notas de campo reflexivas, registrando observações, impressões e interpretações sobre divergências e convergências nas perspectivas dos participantes (Bogdan; Biklen, 1994). Esse registro contribuiu para a construção de uma análise crítica, contextualizada e sensível aos significados atribuídos pelos participantes.

A análise dos dados foi realizada por meio de codificação temática, conforme proposta por Moreira e Caleffe (2008). Esse procedimento compreende a análise qualitativa como um processo interpretativo e flexível, no qual os dados são organizados e sistematizados a partir dos objetivos e das perguntas da pesquisa, bem como articulados ao referencial teórico. Inicialmente, todo o material empírico - respostas aos questionários, entrevistas e notas de campo da pesquisadora - foi submetido a leituras sucessivas, com o objetivo de possibilitar a familiarização com o corpus e a identificação de ideias recorrentes. Em seguida, foram identificadas unidades de significado relacionadas às percepções, experiências e práticas docentes frente ao uso de ferramentas de IA no processo avaliativo. Essas unidades receberam códigos provisórios, que foram sendo revistos e reorganizados ao longo da análise, à medida que novas relações e sentidos emergiam dos dados. A partir desse processo analítico, as categorias foram organizadas em três eixos analíticos centrais, definidos tanto por sua recorrência no corpus quanto por sua relação direta com os objetivos da pesquisa. Todo o percurso analítico foi conduzido de maneira contínua, com retomadas constantes ao corpus empírico, assegurando coerência interpretativa e preservando os sentidos atribuídos pelos participantes, conforme orientam Moreira e Caleffe (2008).

3.3 Participantes da Pesquisa

Os participantes desta pesquisa foram quatro professores de línguas estrangeiras atuantes no CL. Todos concordaram em participar voluntariamente e contribuíram tanto na etapa do questionário quanto na entrevista individual. Estes participantes foram escolhidos após a fase do questionário, aberta para todos os professores do CL, considerando a relevância e diversidade de suas percepções sobre o uso das ferramentas de IA no processo avaliativo. Cada participante escolheu um nome fictício na etapa do formulário para ser utilizado no decorrer da pesquisa.

O grupo é composto majoritariamente por professores de inglês, com exceção de uma participante que ministra aulas de língua espanhola. A faixa etária dos participantes varia entre 20 e 39 anos, e o grupo é formado por três mulheres e um homem, com níveis de formação que variam desde a graduação até o mestrado. Em relação à experiência docente, a maioria dos participantes têm de um a três anos de atuação, com exceção de uma participante com 11 anos de experiência. No CL, todos os professores entrevistados ministram aulas no formato presencial e no formato online.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A partir da análise dos dados foi possível observar, primeiramente, que todos os professores utilizam, ao menos mensalmente, alguma ferramenta de IA em sua prática docente sobretudo para o planejamento de aulas e para a elaboração de materiais avaliativos, como a criação e adaptação de textos, a formulação de questões e a produção de atividades interativas. Esse dado demonstra que as ferramentas de IA já causam impacto significativo no cotidiano docente. Os resultados estão organizados aqui em três eixos temáticos, que se relacionam com os objetivos da pesquisa: benefícios, desafios e ações tomadas pelos docentes.

4.1 Benefícios relacionados à utilização da IA

Os professores destacaram variados benefícios relacionados ao uso de ferramentas de IA no processo avaliativo. Um dos benefícios mais enfatizado pelos participantes foi a agilidade que tais ferramentas proporcionam, auxiliando especialmente na produção de materiais, atividades e provas, o que resultou, conseqüentemente, na otimização do tempo dos docentes:

[1]
[...] me ajuda a produzir material de qualidade e num prazo muito mais rápido. Se eu fosse elaborar um texto, [...] vou gastar, sei lá, 4 horas para escrever um texto para ter certeza que tá tudo OK. E ele faz em 4 segundos [...].
(Clarice – Entrevista)

[2]
[...] às vezes eu tenho uma ideia, mas eu não tenho tempo de realizar essa ideia exatamente, porque o professor tem um milhão de funções [...] mas às vezes não tem essa possibilidade, não tem esse tempo e aí eu acho que essa possibilidade de ter algo tão facilmente e tão rápido nas mãos é uma coisa que é muito positiva, eu acho, da IA [...].
(Julia – Entrevista)

[3]
[...] às vezes uma atividade é muito simples, mas isso requer muito de nós. Para produzir, sei lá, pegar o Google Documentos e você tem que produzir questão um, questão dois. E às vezes a IA produz tudo, você copia e cola no Google Documentos e vai só adaptando com o seu conteúdo. Então, isso otimiza muito o nosso tempo [...].
(Mario – Entrevista)

Essas falas evidenciam que, para os professores participantes, o benefício central de agilização proporcionado pelas ferramentas de IA não está diretamente ligado à etapa de correção de avaliações, como sugere Amin (2023) em seus estudos sobre o feedback automatizado, mas sim à otimização das etapas de elaboração e produção de avaliações. Isso demonstra que os professores entrevistados deslocaram o foco de uso da IA, percebendo-a principalmente como suporte na preparação e organização de materiais avaliativos, em vez de compreendê-la como substituta do trabalho de análise do professor, o que está em consonância com o que defende Luckesi (2011), ao afirmar que é papel do professor interpretar e decidir pedagogicamente. Tal

realidade suscitou a reflexão acerca da motivação que orienta esses docentes na utilização dessas ferramentas, especialmente porque todos os entrevistados, em algum momento, relataram enfrentar um cotidiano corrido, com inúmeras demandas relacionadas à atuação docente. Nesse cenário, as ferramentas de IA passaram a ser percebidas positivamente por possibilitarem a criação de materiais avaliativos alinhados aos interesses dos professores, sem que fossem limitados pelo tempo restrito de suas rotinas. Assim, a motivação para utilizar essas ferramentas, relaciona-se ao desejo de apresentar materiais avaliativos inovadores, desenvolvidas a partir de suas próprias ideias iniciais, apesar da limitação temporal.

Relacionado à motivação de criação de avaliações inovadoras está a possibilidade de personalização proporcionada pelas ferramentas de IA. Os professores entrevistados destacaram o benefício de poder personalizar atividades avaliativas, tanto em termos de tema quanto em termos de nível dos alunos e proficiência:

[4]

O benefício é que a gente consegue personalizar, de acordo com a nossa turma, com o que foi trabalhado, e aí consegue dar essa personalizada nos conteúdos, nas avaliações. Então, se eu pegar o texto do livro, às vezes o texto do livro tem algo que não foi trabalhado em sala porque não teve tempo. Porque o livro tem algumas atividades que dá para usar como avaliação. Você pode pedir para a IA adaptar. Você vai dar uns comandos corretos para ela e ela consegue adaptar para você.[...]
(Mario – Entrevista)

[5]

Eu acho que outra coisa também é essa questão da personalização [...] dá para fazer algo bem específico, bem personalizado para o que eu preciso ou pelo que os alunos precisam [...]. Eu acho que é um dos grandes benefícios da IA, porque eu consigo juntar coisas que às vezes nunca estariam juntas e fazer um texto original, de certa forma.
(Júlia – Entrevista)

[6]

[...] por exemplo, eu gosto muito de provas temáticas e aí [...] no semestre passado eu tinha uma prova do Inglês 8 que tinha um texto sobre Sherlock Holmes, alguma coisa assim, crime, esse tipo de coisa. E aí todos os tópicos gramaticais, todas as frases que os alunos tinham que escrever, eu pedi ajuda pro ChatGPT me colocar aquele tema dentro da estrutura. [...] Então eu fiz uma prova que praticamente contou uma história, ela é coesa, ela tem o mesmo tema, o mesmo vocabulário. E [...] eu passei por vários tópicos gramaticais que foram trabalhados durante o semestre.
(Clarice – Entrevista)

As experiências relatadas evidenciam como os professores entrevistados compreendem a personalização, entendida como uma oportunidade de alinhar a avaliação ao contexto vivido pela turma e às especificidades de cada docente. Similarmente, Luckin, Holmes e Griffiths (2016) defendem que as ferramentas de IA podem favorecer processos mais personalizados e envolventes, justamente pela capacidade de integrar diferentes interesses e atender às necessidades dos aprendizes. Entretanto, não foram identificados exemplos que se aproximem do modelo de teste

adaptativo discutido por Amin (2023), em que as questões avaliativas mudariam conforme o desempenho do aluno avaliado. Esse dado reforça que, neste contexto, os docentes tendem a privilegiar o uso das ferramentas de IA na elaboração de materiais avaliativos. Observa-se, assim, que a personalização proporcionada por essas ferramentas, para os professores participantes, não está vinculada à individualização dos formatos avaliativos ou a mudanças significativas nos métodos de avaliação. Em vez disso, os docentes buscam personalizar suas avaliações mediante materiais consistentes com os temas abordados em sala, ao mesmo tempo em que procuram calibrar suas atividades avaliativas de acordo com o nível e o conteúdo ministrado.

Além dos benefícios apresentados, alguns professores entrevistados mencionaram as ferramentas de IA como aliada na fase de criação, atuando como uma ferramenta de suporte na geração de ideias e na oferta de orientações aos docentes em momentos de dúvida:

[7]
[...] Ela funciona ali como a minha amiga, igual quando a gente se encontra aqui com os amigos do CL, e [...] vê dicas de outras atividades e tal, é a IA. Porque, às vezes, você não pode ter uma pessoa ali na hora que você quer, para te dar dicas. Às vezes, a pessoa está fazendo outra coisa da vida, a IA não vai estar lá a todo momento. Você pode perturbar ela a todo momento. [...]
(Mario – Entrevista)

[8]
[...] porque eu ainda tenho uma dificuldade ali de fazer a pergunta, né? A instrução pro aluno é algo que eu ainda acho complicado. Então eu peço ajuda ali da minha professora [supervisora], da IA para também para me ajudarem a elaborar isso, porque não pode ter ambiguidade. O aluno ele tem que responder de acordo com o que você pede. Então tem que ser algo claro, né? [...]
(Andrade – Entrevista)

É possível observar, a partir dos excertos, um paralelo com os resultados apresentados por Meniado et al. (2024), nos quais as ferramentas de IA foram utilizadas pelos alunos nas fases de geração de ideias, elaboração de rascunhos e revisão de produções escritas. Os dados aqui analisados demonstram que os professores também recorrem a essas ferramentas para a geração de ideias e resolução de dúvidas, mas neste contexto os docentes utilizam essas ideias para a elaboração de avaliações e planejamento geral. Assim como os estudantes utilizam a IA para apoiar a geração e a organização de ideias em suas produções textuais, os docentes entrevistados consideram benéfico recorrer a essa tecnologia para esclarecer dúvidas, obter sugestões e refinar questões avaliativas. Nesse sentido, ao lançar mão das ferramentas de IA como uma espécie de “amiga”, como se referiu Mario, na criação de avaliações, os professores parecem explorar essa tecnologia como mediadora auxiliar, ainda que a interpretação e a adaptação continuem sob sua responsabilidade.

4.2 Desafios relacionados à utilização da IA

Para apresentar os desafios, retomamos a ideia mencionada na seção anterior sobre as ferramentas de IA como mediadoras auxiliares. Um dos desafios recorrentes apontados pelos professores é o receio de perder sua autonomia e capacidade de reflexão no momento de elaborar atividades avaliativas sem o apoio dessa tecnologia:

[9]

[...] Então assim, tanto do meu ponto de vista como professora, ao elaborar, eu penso assim: “Ai, se eu tiver que elaborar uma prova do zero, vai dar muito mais trabalho para mim.” E eu já perdi muito das habilidades que eu tinha para fazer isso, porque a gente vai ali se acostumando, né, com a inteligência artificial, fazendo isso pra gente. E aí, como a gente tá sempre um monte de coisa para fazer, vai usando, vai usando, enfim [...]
(Clarice – Entrevista)

[10]

[...] Acho que como professor, talvez, eu posso, digamos que, em algum momento, ficar automático. Sempre vou para a IA. E nunca pensar por conta própria, pensar fora da caixa. Vou pensar algo diferente hoje, por conta própria. Então, ficar muito dependente da IA. A todo momento. [...]
(Mario – Entrevista)

Os relatos de Clarice e Mario revelam haver uma tensão entre a eficiência proporcionada pelas ferramentas de IA e a manutenção da capacidade reflexiva docente, considerada por Luckesi (2011) como fundamental. Ao utilizarem essas ferramentas com frequência, os professores parecem sentir que elas podem automatizar o seu modo de pensar, o que se mostra uma preocupação recorrente. Ademais, Amin (2023) destaca a importância de o professor manter o seu papel ao equilibrar o uso dessas tecnologias com suas próprias interpretações e perspectivas. Nesse sentido, o desafio apresentado pelos docentes dialoga com questões éticas que, até pouco tempo, eram discutidas prioritariamente em relação ao uso pelos alunos (Lee et al., 2024), evidenciando que a preocupação com a dependência dessas tecnologias não é exclusiva em relação aos discentes, mas se estende igualmente aos docentes.

Considerando o uso de IA pelos discentes, é possível observar que esta é a principal questão que os professores participantes encaram como desafio. Como o CL oferece turmas online, algumas avaliações ocorrem remotamente, o que contribui para o aumento das práticas inadequadas com ferramentas de IA em avaliações finais (Zabala, 2010). Em alguns casos, a utilização chega ao ponto de os alunos deixarem evidências claras de seu uso durante as avaliações:

[11]

[...] Eu já presenciei já o uso de IA dentro de provas, né? Não, inclusive foi um erro do aluno quando eu pedi, se eu não me engano, acho que um áudio para avaliar a prova oral. E esse aluno acabou enviando o GPT para mim. Eu fiquei, então eu recorri, né, a minha professora [supervisora] porque eu tinha uma prova ali, né, de que o aluno tava usando [...] que eu vi o comando, aí eu tive que realmente pedir ajuda. Então eu acho que é uma dificuldade assim, assim como eu tenho acesso, os alunos também têm, então vai depender de como eles vão usar ela.
(Andrade – Entrevista)

[12]

[...] a aluna literalmente copiou aquela resposta inicial que o ChatGPT dá quando você pesquisa alguma coisa. Então, por exemplo [...] geralmente tem uma mensagem inicial do tipo, “claro, vou te falar tananã, usando *present simple*” confirmando o que você pediu. E a aluna copiou essa mensagem inicial junto com a resposta. Então, eu sabia claramente, porque a gente consegue reconhecer essa mensagem inicial da IA, que ela tinha copiado da IA.[...]

(Julia – Entrevista)

[13]

[...] Eu recebi um texto, geralmente eu peço as produções escritas por meio de *Google Forms*. Então eu tenho lá as instruções e tenho, enfim, tudo direitinho. Os alunos vão produzir e enviar o parágrafo deles. Era uma turma online e o aluno ao copiar e colar deixou lá “ChatGPT diz” e o parágrafo dele. [...]

(Clarice – Entrevista)

Pelos exemplos apresentados pelos professores entrevistados, é possível percebê-los como confirmação empírica das preocupações levantadas por Lee et al. (2024) sobre a utilização de ferramentas de IA em atividades que antes se assumia terem sido feitas pelos discentes, pois os casos apresentados demonstram que essas preocupações estão se materializando na prática pedagógica cotidiana. Apesar de serem exemplos considerados negativos pelos participantes, eles apontam que, nessas situações, foi possível tomar alguma resolução por se tratarem de usos irrefutáveis; contudo, os participantes relatam sentir dúvidas em relação a materiais produzidos pelos alunos quando estes não se relacionam ao conteúdo trabalhado em sala ou ao que havia sido apresentado anteriormente por esses discentes:

[14]

Acho que o maior desafio é o uso de IAs para responderem à prova para os alunos, eles simplesmente copiam e colam as respostas, muitas vezes é possível perceber com textos muito bem feitos, palavras que não foram faladas em sala e estão ali na resposta, etc.

(Andrade – Formulário)

[15]

[...] mas muitas vezes tem suspeita de casos que eu não tenho como provar. Acho que isso é uma das coisas mais difíceis de avaliar, por exemplo, alunos que fazem atividades online e usam IA porque não tem exatamente uma receita, um padrão de IA, porque pode ser que não seja pode ser que o aluno realmente só saiba mas também pode ser que seja IA e aí fica meio confuso de afirmar que foi usado ou não. [...]

(Julia – Entrevista)

[16]

Tenho notado uma diferença considerável na qualidade da produção escrita, em provas, dos alunos de turmas online e turmas presenciais, o que me leva a crer que muitos alunos recorrem à IA para corrigir ou até mesmo elaborar seus textos.

(Clarice – Formulário)

Considerando o conceito de avaliação formativa (Zabala, 2010), em que o crescimento global do aluno é priorizado, é possível compreender a dificuldade que esses docentes encontram

ao não terem certeza da autenticidade das avaliações produzidas por seus alunos. Quando os estudantes utilizam ferramentas de IA de forma indevida, todo o processo de avaliação do professor é prejudicado, pois ele não consegue identificar em que nível de conhecimento o aluno se encontra, e a função avaliativa pode ser comprometida quando a produção não reflete o saber real do estudante. Esses relatos espelham a motivação pessoal da primeira autora ao iniciar esta pesquisa, ao questionar as produções escritas dos alunos, demonstrando que a experiência individual reflete uma realidade enfrentada por professores em diferentes contextos do CL. A principal preocupação aqui é a possibilidade de que essas produções discentes, mediadas pela IA, resultem no apagamento do percurso formativo, já que o professor pode acabar avaliando o desempenho de algoritmos e não o conhecimento efetivo do aluno.

4.3 Ações tomadas diante do uso de IA pelos alunos

Diante desse cenário, os professores participantes relataram adotar decisões variadas do ponto de vista de ações frente às mudanças causadas pelas ferramentas de IA. Algumas dessas ações estão relacionadas a elaborar estratégias avaliativas que tornem tal uso menos atrativo:

[17]

[...] eu tento ao máximo colocar questões em que seja meio difícil você usar IA para responder no sentido de, às vezes, ser uma coisa pessoal ou então questões que não têm resposta certa ou errada. Acho que é o que eu mais tento fazer nas avaliações. Tem uma resposta que é possível aqui, mas ela não tem uma resposta correta.[...]

(Julia – Entrevista)

[18]

[...] eu vou tirar a sessão de *writing* e eu vou distribuir isso mais ah como umas perguntas de opinião, tanto com relação ao texto e com relação ao conteúdo do *listening*. [...] E aí foi isso que eu fiz, né? Depois ter um texto. E aí eu peço para ele se posicionar, que parece que os alunos quando ele tem que escrever duas ou três linhas ali só sobre você concorda com isso, ou aquilo outro, ele se sente mais tranquilo, menos pressionado. Então ele acaba escrevendo de forma mais natural. Então acho que isso acaba é diminuindo o uso da IA aí nas provas deles.[...]

(Clarice – Entrevista)

Tais estratégias demonstram uma aplicação prática dos princípios defendidos por Zabala (2010) e Luckesi (2011) ao deslocarem o foco da avaliação de um caráter classificatório para uma perspectiva mais formativa, em que o aluno é chamado a se posicionar, mobilizar sua experiência e construir sentidos pessoais. Ao propor perguntas abertas ou de opinião, as professoras entrevistadas buscam tornar o processo avaliativo menos vulnerável ao uso acrítico de respostas geradas por IA, ao mesmo tempo em que aproximam a avaliação da realidade e do repertório dos discentes.

Ademais, outras ações, mais relacionadas ao diálogo e conscientização dos discentes sobre o uso das ferramentas de IA, também estão sendo aplicados pelos professores entrevistados:

[19]

[...] Eu sempre falo para eles assim. Você pode usar. Use consciente, é bom. Eu dou umas dicas aqui para vocês usarem. Mas vocês usarem para *cheating*? Para só trapacear na prova? É com vocês. Depois vocês se viram. Tipo assim, as consequências vêm. Você não está produzindo por conta própria. Você está só copiando e colando. [...]

(Mario – Entrevista)

[20]

[...] Sempre forneço materiais de apoio aos alunos em todas as aulas online que faço, deixo os sites que utilizei para a preparação da aula [...]. Eles também estão livres para solicitar auxílio as IAs para deixar o conteúdo mais simples e fácil para eles entenderem, utilizando como ferramenta de estudo. Em contraponto, o uso de IA para responder pelo aluno as questões solicitadas, por exemplo, em atividades para casa ou avaliações, é errado. [...]

(Andrade – Formulário)

[21]

Eu acho que reconhecer que eu faço uso também, por exemplo, acho que é importante esclarecer para os alunos, falar que é comum o uso de IA. [...] Mas de como usar corretamente, como uma ferramenta, como um auxílio e não como algo que vai fazer a tarefa por você. [...] E eu retomo esse mesmo assunto também quando é no momento das provas, porque geralmente é o momento que as pessoas mais utilizam. Então, acho que é mais isso que eu falo [...]

(Julia – Entrevista)

Essas práticas relatadas materializam diretamente as proposições de Fidalgo (2006) quanto à construção da avaliação em diálogo com os alunos, pois representam um passo na negociação de significados e valores. Aqui, os docentes convidam seus alunos a refletir sobre as implicações do uso excessivo dessas ferramentas, ao mesmo tempo em que demonstram transparência ao reconhecer que também fazem uso delas, criando um espaço no qual tanto professor quanto aluno podem dialogar abertamente sobre suas práticas diante das ferramentas de IA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou as percepções de quatro professores de línguas estrangeiras do Centro de Línguas da UFG sobre o impacto da IA no processo avaliativo. A partir de todo o percurso investigativo, foi possível observar que as ferramentas de IA, ao mesmo tempo em que potencializam a prática docente, auxiliando principalmente na produção de materiais avaliativos, também suscitam dilemas éticos e pedagógicos, sendo vistas como aliadas e adversárias ao mesmo tempo. Essa dualidade reflete a necessidade de repensar as concepções tradicionais de autoria, originalidade e integridade acadêmica. É possível afirmar que as novas tecnologias de IA já estão fortemente presentes no cenário educacional contemporâneo e demonstram ter especial influência quando se trata de avaliações. Os resultados indicam que a questão central não é mais a adoção (ou não) de ferramentas de IA na educação, mas, sim, as estratégias adequadas de empregá-las e de lidar com o seu uso.

A experiência inicial que motivou esta pesquisa revela-se não como um caso isolado, mas como reflexo de uma realidade sistêmica associada às transformações causadas pelas novas ferramentas de IA generativa. Os professores participantes demonstraram capacidade de lidar de maneira construtiva com as tensões advindas dessas ferramentas evidenciando práticas que apontam possibilidades de ação frente às adaptações que se tornam cada vez mais necessárias no contexto avaliativo. A pesquisa evidencia como esses docentes estão refletindo e atuando para a construção de práticas pedagógicas que integram criticamente as ferramentas de IA ao processo avaliativo, ao mesmo tempo em que preservam os valores centrais de uma educação centrada nos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- AMIN, M. AI and Chat GPT in Language Teaching: Enhancing EFL Classroom Support and Transforming Assessment Techniques. *In: International Journal Of Higher Education Pedagogies*. Vol. 4 No. 4. Sulaimaniya: Cihan University, 2023.
- ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *In: Revista da FAEBA – educação e contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, jul/dez. 2013.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- CHOMSKY, N.; ROBERTS, I.; WATUMULL, J. The False Promise of ChatGPT. **The New York Times**, 8 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2023/03/08/opinion/noam-chomsky-chatgpt-ai.html>> Acesso em: 02 dez. 2024.
- FIDALGO, S. S. A avaliação na escola: um histórico de exclusão social-escolar ou uma proposta sociocultural para a inclusão? *In: Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte. v. 6, n. 2, p. 15-31, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbla/a/gmjJ7ygNskbttSyTHXwVCBq> Acesso em: 15 maio 2025.
- LEE, V. R.; POPE, D.; MILES, S.; ZÁRATE, R. C. Cheating in the age of generative AI: A high school survey study of cheating behaviors before and after the release of ChatGPT. *In: Computers and Education: Artificial Intelligence*, Vol. 7, 2024.
- LIVINGSTONE, V. I Quit Teaching Because of ChatGPT. **Time Magazine**. 30 Set. 2023. Disponível em: <<https://time.com/7026050/chatgpt-quit-teaching-ai-essay/>>. Acesso em: 03 dez. 2024
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.
- LUCKIN, R.; HOLMES, W.; GRIFFITHS, M.; FORCIER, L. B. (2016). **Intelligence Unleashed: An Argument for AI in Education**. Londres: Pearson, 2016.
- MENIADO, J. C.; HUYEN, D.T.T.; PANYADILOKPONG, N.; LERTKOMOLWIT, P. Using ChatGPT for second language writing: Experiences and perceptions of EFL learners in Thailand and Vietnam. *In: Computers and Education: Artificial Intelligence*, Vol. 7, 2024.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- REES, D. K.; DE MELLO, H. A. B. A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua/língua estrangeira. *In: Cadernos do IL*. n. 42, p. 30–50, 2012.

SMERDON, D. AI in essay-based assessment: Student adoption, usage, and performance. In: **Computers and Education: Artificial Intelligence**, v. 7, 2024.

ZABALA, A. **A Prática Educativa**: Como Ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2010.

OIA(S) AUTOR(ES/AS)

Armaní Divina Araújo Siqueira

Texto

Eliane Carolina de Oliveira

Possui graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Goiás (1988), mestrado e doutorado em Letras: Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001 e 2008). Foi Coordenadora Geral (2012-2013) do Curso de Formação Continuada de Professores de Inglês como Língua Estrangeira/Adicional: UFG, vinculado à Rede Nacional de Formação de Professoras/es da Educação Básica: Línguas Estrangeiras/Adicionais Etapa Inglês do MEC. Atuou também como Coordenadora Pedagógica (2014-2016) e Coordenadora Geral (2017-2019) do Programa Idiomas sem Fronteiras na UFG. Tem experiência na área de Educação/Linguística Aplicada, com ênfase na área de Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: formação inicial e continuada de professores, ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, ensino mediado pelas tecnologias digitais e prática de ensino e estágio.